

Walter Benjamin: arte do kairós no tempo-de-agora



Escultura de Dominikus Hermenegild Herberger, século XVIII, fotografia (detalhe).

Amon Pinho

Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Instituto de História e do Programa Nacional de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Organizador, entre outros livros, de *Filosofia enquanto poesia: sete cartas a um jovem filósofo, conversação com Diotima, filosofia nova e outros escritos* (Biblioteca Agostinho da Silva, v. 1) São Paulo: É-Realizações, 2019. amonpinho@yahoo.com.br

Walter Benjamin: arte do kairós no tempo-de-agora*

Walter Benjamin: art of kairos in the now-time

Amon Pinho

RESUMO

O objetivo deste artigo é explorar um certo estrato – estrato de inspiração helênica – do campo semântico do conceito de tempo-de-agora (*Jetztzeit*), formulado por Walter Benjamin como categoria central da sua concepção de história. A partir de um comentário histórico-cultural e iconológico a uma alegoria da História, esculpida em madeira por Dominikus Hermenegild Herberger, em meados do século XVIII, pensa-se o sentido da polifacetada relação entre as personificações da história e do tempo ali representadas. Relação por meio da qual, analogicamente, visamos iluminar a ideia benjaminiana de tempo como um conceito kairológico de presente essencial e radicalmente político.

PALAVRAS-CHAVE: *kairós*; tempo-de-agora; Walter Benjamin.

ABSTRACT

*The purpose of this article is to explore a certain stratum – a Hellenic-inspired stratum – of the semantic field of the concept of now-time (*Jetztzeit*), formulated by Walter Benjamin as a central category of his conception of history. Based on a historical-cultural and iconological commentary on an allegory of History, carved in wood by Dominikus Hermenegild Herberger, in the mid-18th century, the meaning of the multifaceted relationship between the personifications of history and time there represented is reflected upon. Relationship through which, analogically, we aim to illuminate the Benjaminian idea of time as a kairolological concept of an essential and radically political present.*

KEYWORDS: *kairos*; now-time; Walter Benjamin.



*Entre la déchirure par le temps ailé
et l'écriture de l'histoire et son stylet.*

Paul Ricoeur¹

No salão da biblioteca do Mosteiro de Wiblingen, situado na cidade de Ulm (sul da Alemanha), está exposta uma escultura barroca em que figuram a personificação da história e Chronos, o deus grego do tempo. O nosso contato inicial tanto com a obra quanto com o que ela simboliza deu-se através do

* Para Constança Marcondes César, Jacy Alves de Seixas e Jeanne Marie Gagnebin, *maitres à penser*.

¹ RICOEUR, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Éditions du Seuil, 2000, s./p. Diferentemente da edição original francesa e de traduções como a espanhola e a norte-americana, a edição brasileira de *A memória, a história, o esquecimento*, não traz, em uma de suas páginas iniciais, esse sugestivo e polissêmico dístico: “Entre a rasgadura pelo tempo alado / e a escritura da história e seu stylet”. Da autoria de Ricoeur, ele se encontra disposto nas três edições estrangeiras citadas e noutras, em forma manuscrita e autógrafa, sob a reprodução fotográfica da escultura que aqui é objeto de nossa análise.

livro de Paul Ricoeur, *A memória, a história, o esquecimento*, que dela traz, brevemente comentada, uma imagem fotográfica.²

Diverso do de Ricoeur, o objetivo a que aqui visamos alcançar é o de tomarmos semelhante escultura como um mote para refletirmos analogicamente sobre o conceito benjaminiano de tempo-de-agora (*Jetztzeit*) a partir da glosa de aspectos da história e cultura gregas nela representados. Noutros termos, abordamos os significados potenciais dessa peça escultórica desde referenciais herdados do mundo grego antigo, em geral, e de sua concepção de história, em particular, para daí buscarmos noções que nos permitam pensar e iluminar, por analogia, o campo semântico do tempo-de-agora, categoria central da refinada epistemologia da história concebida por Walter Benjamin.

Como ponto de partida, fazemos uma sucinta descrição interpretativa da referida obra, cuja produção, em madeira pintada, por volta de 1744-1745, deve-se ao engenho do escultor alemão Dominikus Hermenegild Herberger (1694-1760).³ Ela é composta, na parte superior, pela figura da História, que sustenta em sua mão direita um livro, um tinteiro e um estilo, instrumentos indispensáveis à elaboração da sua escrita. Na parte inferior do conjunto escultural, encontra-se Chronos, o deus alado do tempo, cujo movimento e ação vemos interrompidos pela intervenção da mão esquerda da História. Esta incide decisivamente sobre um grande livro que Chronos não apenas transporta, como sobre o qual exerce uma ação de destruição, já que principia por arrancar uma de suas folhas.

A História está em desaprumo e apoiada sobre uma cornucópia com a embocadura voltada para baixo, signo, portanto, não de abundância mas de dissipação, e não de virtuosa constância mas de instabilidade, igualmente presente no equilíbrio precário com que ela sustém o livro e, sobre o livro, o tinteiro e o estilo. Equilíbrio precário que simbolicamente se faz presente, por extensão, no próprio ato da sua escrita.

² Na íntegra, este é o comentário a que se fez alusão e que consta como uma das duas epígrafes de abertura da obra: “Num lugar escolhido da biblioteca do mosteiro ergue-se magnífica escultura barroca. É a figura dupla da história. Na frente, Chronos, o deus alado. É um ancião com a fronte cingida; a mão esquerda segura um imenso livro do qual a direita tenta arrancar uma folha. Atrás, e em desaprumo, a própria História. O olhar é sério e perscrutador; um pé derruba uma cornucópia de onde escorre uma chuva de ouro e prata, sinal de instabilidade; a mão esquerda detém o gesto do deus, enquanto a direita exhibe os instrumentos da história: o livro, o tinteiro e o estilo”. *Idem. A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 15.

³ Para a devida fundamentação das escolhas interpretativas aqui realizadas, foram centrais: a *Iconologia*, de Cesare Ripa (c.1560 - c.1623), cuja primeira de muitas edições italianas data de 1593 e que se tornou, nos séculos XVII e XVIII, uma obra de referência para a produção artística de pintores, escultores, oradores e poetas europeus, tendo sido objeto de traduções, publicações e reedições francesas, inglesas e alemãs, entre outras. Ver, por exemplo, RIPA, Cesare. *Iconologia*. Siena: Eredi di Matteo Florimi, 1613, e *idem, Baroque and rococo pictorial imagery: the 1758-60 Hertel edition of Ripa's 'Iconologia' with 200 engraved illustrations*. New York: Dover, 1971, PANOFISKY, Erwin. *Estudos de iconologia*. 2 ed. Lisboa: Estampa, 1995, e publicações e materiais de referência sobre o Monastério de Wiblingen, outrora beneditino, produzidos pela instituição Staatliche Schlösser und Gärten Baden-Württemberg (Palácios e jardins estaduais de Baden-Württemberg).

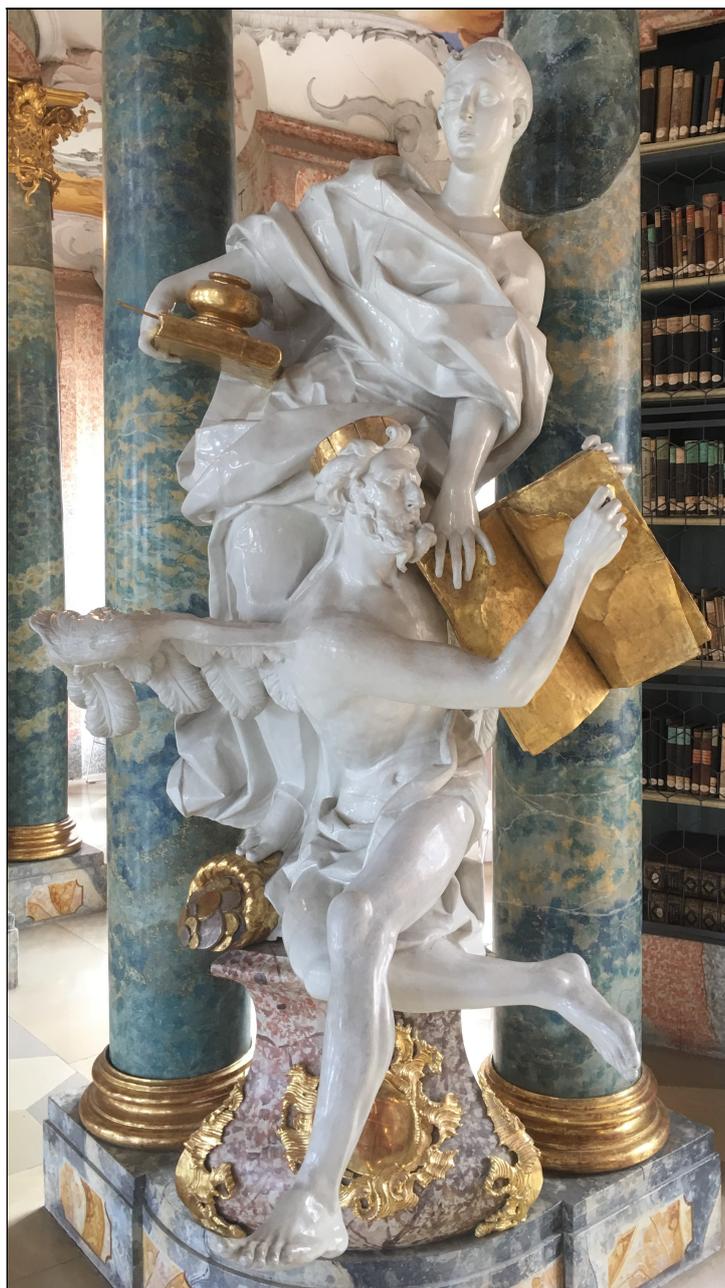


Figura 1. A História, escultura de Dominikus Hermenegild Herberger, século XVIII. Salão da Biblioteca do Mosteiro de Wiblingen. Ulm, Baden-Württemberg, Alemanha.

Observe-se ainda que, pela disposição vertical do complexo escultural, podemos constatar que à História cabe o protagonismo no geral da composição. Ela é sujeito de uma ação da qual Chronos é objeto, cabendo-nos então refletir especificamente sobre os possíveis sentidos implicados nessa ação enquanto ação definidora da relação aí estabelecida entre as personificações da história e do tempo.

Ocupemo-nos desta questão ao nível da historiografia da antiga Grécia, em primeiro lugar, deixando, para um segundo momento, pensá-la sinteticamente ao nível do conceito de história proposto por Walter Benjamin, no Trabalho das Passagens e nas teses e paralições de “Sobre o conceito de história”.

Considerado por Cícero no século I a.C. como *pater historiae*, Heródoto de Halicarnasso, no século V a.C., dizia ser o propósito das suas *Histórias* preservar do esquecimento os grandes feitos de gregos e bárbaros decorridos na conjuntura das guerras pérsicas.⁴ Para tanto, sua escrita da história propunha-se a registrar e valorizar os eventos que deviam a sua existência às palavras e às ações daqueles homens, de modo que tais eventos pudessem ser evocados através dos tempos, perenizando-se e sobrevivendo mesmo para além da duração da vida dos seus próprios agentes.

Uma vez que, para o mundo grego de Heródoto, a marca distintiva da existência humana é a sua mutabilidade e impermanência – numa palavra, a sua mortalidade –, a tarefa da escrita da história é resguardar, das ruínas do tempo, as realizações humanas tidas como dignas de louvor e de glória, legando assim à posteridade o testemunho de um passado cuja grandeza deveria ser recordada século após século. Diante da caducidade e obliteração que a passagem das épocas impunha aos indivíduos e às suas obras, a função da história consistia em salvar os feitos humanos do giro inexorável da roda do tempo e de seu efeito de desagregação e apagamento da vida humana e de suas realizações.⁵ Para um heleno de então, *devoir* era decurso rumo à decrepitude e à morte. O tempo, portanto, na perspectiva dos antigos gregos, tem um caráter predominantemente destrutivo que a prática historiográfica de um Heródoto (c.484 - c.425 a.C.) ou de um Tucídides (c.460 - c.400 a.C.) pretende atenuar.

Interessante notar que, nesse aspecto, a concepção helênica de história constitui-se – a despeito da sua razão inquiridora, dos juízos argumentativos, do exame dos testemunhos e do distanciar-se do mito – num prolongamento da consciência mítica e da atitude dela perante a ação das forças míticas do tempo. Refira-se, a esse respeito, as representações da “prodigiosa foice longa e dentada” de Cronos, no dizer de Hesíodo.⁶ Não do Chronos-tempo (deus primordial), mas do Cronos-titã, o filho de Urano (o Céu) com Geia (a Terra), que não só mutilara o seu ascendente Urano, ceifando-lhe o pênis, como devorara a sua descendência. Por serem objeto de designações homófonas e quase homógrafas, Chronos-tempo (*Χρόνος*) e Cronos-titã (*Κρόνος*) tiveram os seus atributos simbólicos confundidos, donde o aspecto voraz e ceifador do segundo ter igualmente sido atribuído ao primeiro, significando justamente a ação destrutiva e fatal do transcurso temporal⁷, ao qual a sensibilidade grega se opunha por meio de ritos e mitos e, posteriormente, por meio da prática historiográfica. Uns e outra, *mutatis mutandis*, constituindo-se em tentativas de relativização ou mitigação, de suspensão ou estatificação, ao nível do *lógos* como do *páthos*, daquele *devoir* em cujo fluxo processava-se a degenerescência da

⁴ Ver HERÓDOTO. *Historia*: libro I: Clío. Madri: Gredos, 1992, p. 85.

⁵ Cf. ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

⁶ Ver HESÍODO. *Teogonia*. A origem dos deuses. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 1995, p. 115.

⁷ Cf. PANOFKY, Erwin, *op. cit.*, p. 72 e ss., CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997, p. 307 e 308, e BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 171 e ss. A propósito dessa menção ao *Trauerspielbuch*, observo que é igualmente nosso objetivo trazer a lume, em momento propício e de modo complementar, uma leitura histórico-filosófica da concepção barroca do tempo e da história à luz de novas analogias, a esse recorte atinentes, entre as obras discursiva de Benjamin e escultórica de Hermenegild Herberger.

vida humana. Da raça de ouro à raça de ferro – consoante o mito das cinco idades ou raças⁸ –, o que tinha lugar, segundo a consciência mítica grega, era um generalizado processo de corrupção humana e social. Ou, nos termos do historiador das ideias português Fernando Catroga, um “distanciamento da origem [que] era vivido como um estado de empobrecimento ontológico”.⁹

Daí, não por acaso, Mircea Eliade falar no “terror à história” e na consequente busca de experiências regulares de evasão do domínio do tempo tanto na Grécia antiga como no conjunto em geral das sociedades ditas arcaicas.¹⁰ Perante a inexorabilidade e fugacidade do vir a ser, tratava-se mesmo de proceder-se à sua interrupção à maneira mítica ou, pelo menos desde Heródoto, à maneira historiográfica. Na esteira da construção de monumentos (etimologicamente, “o que faz lembrar”) e da transmissão geracional possibilitada pela oralidade e pela poesia escrita, a historiografia, pois, prolongava o protesto contra o fado que condenava as singularidades humanas ao esquecimento.

Imortalizar pela recordação, eis o propósito tanto da poesia épica de um Homero quanto da escrita da história de um Heródoto, não obstante as suas especificidades e diferenciações. Por sinal, é esse ideal historiográfico de alcançar a perenidade pela recordação, no contexto da imortalidade e eterna recorrência da *physis*, aquilo que a escultura em questão, a nosso ver, tematiza quando retrata a tentativa da História de imobilizar o deus alado do tempo, exatamente quando ele está a destruir, a rasgar, mais uma folha do grande livro das eras que transporta em seus braços.

Não é sem um grande esforço, todavia, que a estatificação do *devir* protagonizada pela História se sucede. A expressão de seu rosto insinua um estado de tensão, de apreensão e expectativa afeito à situação de instabilidade em que se encontra e que a determina. Seu lugar, conforme a cosmovisão substancialista grega, concerne a este mundo sublunar próprio às coisas que não são e mudam, mundo da fortuna (*tykhe*), do acaso, do incerto e do contingente. Mundo portanto do instável e da dissipação simbolicamente expressos no desaprumo do seu corpo e na cornucópia invertida sobre a qual ela se apoia. Daí que a preocupação que notamos na expressão da face da História é, a nosso ver, uma preocupação respeitante ao fato de se sua ação imobilizadora do tempo será ou não exitosa e eficaz.

No nosso entendimento, essa preocupação com a eficácia da ação implica uma outra divindade grega imediatamente inaparente na escultura de Dominikus Herberger, porém nem por isso menos decisiva e presente, que gostaríamos de ilustrar com o fragmento de um afresco, de meados do século XVI, do pintor florentino Francesco Salviati, e que ainda hoje decora uma das paredes do Salone dei Mappamondi do Palácio Sacchetti, em Roma.

⁸ Cf. HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. São Paulo: Iluminuras, 1996.

⁹ CATROGA, Fernando. *Os passos do homem como restolho do tempo: memória e fim do fim da história*. Lisboa: Almedina, 2009, p. 57.

¹⁰ Ver ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno: arquétipos e repetição*. Lisboa: Edições 70, 1993.



Figura 2. A alegoria da História, de Dominikus Hermenegild Herberger, contemplada em novo ângulo: o da História em apreensiva expectativa.



Figura 3. Kairós, afresco (fragmento) de Francisco Salviati, século XVI. Salão dos Mapas-Múndi do Palácio Sacchetti, Roma, Itália.

Trata-se de uma representação renascentista de uma divindade helênica¹¹ que, conforme os termos de um epigrama do poeta grego Posidipo de Pela (c.310 - c.240 a.C.), apresenta-se assim:

- *Tu, quem és?* [pergunta o poeta]
- *Kairós, o mestre do mundo* [responde a divindade]
- *Por que marchas tu sobre a ponta dos pés?*
- *Sem cessar eu corro.*
- *Por que tens tu asas em cada um dos pés?*
- *Eu voou como o vento.*
- *Por que tens tu à mão direita uma navalha?*
- *Para mostrar aos homens que eu, Kairós, sou mais cortante e mais rápido do que qualquer outro gume.*
- *Por que tua cabeleira é voltada para a frente?*
- *Para que seja apanhada quando eu for encontrado por Zeus.*
- *Mas por que és tu calvo na parte posterior da cabeça?*
- *A fim de que, uma vez que os meus pés alados me tenham levado, ninguém me possa capturar pelas costas, qualquer que seja o desejo que tenha.*¹²

Pelo epigrama de Posidipo, podemos distinguir alguns dos atributos de Kairós, “o mais jovem filho de Zeus” – de Zeus com Týkhe, divindade do acaso e da imprevisibilidade –, no dizer de Ion de Quios, poeta e filósofo, também grego, do século V a.C.¹³ Em primeiro lugar, o atributo de “mestre do mundo”, isto é, do mundo propriamente histórico, marcado pela mudança, pelo instável e pelo contingente; em segundo lugar, tanto a habilidade do deslocamento rápido, veloz, decidido e cortante, quanto a irreversibilidade das suas aparições ou manifestações. Das suas epifanias. Kairós, portanto, é um termo cujo campo semântico pode ser inicialmente definido pela articulação dos sentidos da mutabilidade, do (sopro) repentino, da fugacidade e do irreversível.

Para nos aproximarmos de uma conceituação mais aprofundada do kairós – trivialmente definido, enquanto substantivo comum, como o “instante propício”, o “momento oportuno” ou “decisivo”, ou ainda como a “ocasião favorável” –, propomos nos acercarmos do notável estudo de Monique Trédé, intitulado *Kairós: o oportuno e a ocasião* (a palavra e a noção, de Homero ao fim do século IV a.C.). Nele, considera Trédé que a noção de kairós conheceu um grande desenvolvimento e várias formas de teorização no período em que, por volta do século V a.C., se verificou um rápido e expressivo aprimoramento de técnicas (*technai*) como as da medicina, da retórica e da política. Onde o desenvolvimento da ideia de kairós estar ligada a uma afirmação do conhecimento e do poder autônomo do homem. Nas palavras de Monique Trédé,

¹¹ A opção por essa pintura quinhentista em lugar dos conhecidos baixos-relevos romanos – cópias em mármore do original grego desaparecido, em bronze, da autoria de Lísipo (século IV a.C.) –, deve-se exclusivamente à clareza e à beleza didáticas com que os atributos da divindade em tela podem nela ser visualizados.

¹² POSEIDIPPOS, Épigramme *apud* TRÉDÉ, Monique. *Kairos: L'à propos et l'occasion* (le mot et la notion, d'Homère à la fin du IV^e siècle avant J.-C.). Paris: Éditions Klincksieck, 1992, p. 77 e 78 (tradução do autor).

¹³ Ver CHIOS, Ion de *apud* TRÉDÉ, Monique, *op. cit.*, p. 76.

Convencido que o sucesso, mesmo que servido pelo acaso, não é um dom do céu mas a conquista da inteligência humana, o pensamento do século V [a. C.] vai empenhar-se em elaborar regras que facilitem o domínio do kairós. Ele vê na apreensão do kairós fugidivo o resultado de um cálculo preciso, racional, de uma dosagem minuciosa. O espírito ensaia então capturar na variedade das circunstâncias um sentido, uma evolução, as chances, os riscos. No devir flutuante, sempre em movimento, entende-se reconhecer os lugares, os modos, os momentos oportunos; e este conhecimento torna-se a chave de uma ação eficaz. Fala-se então do kairós – e este traço caracteriza o pensamento do século V [a. C.] – apenas em ligação com a teoria racional, o saber, a experiência, o discernimento, em uma palavra, a technè.

E prossegue Trédé:

O espírito pode, conforme a circunstância, perceber o kairós (graças a uma análise correta e perspicaz da situação e de sua evolução) ou mesmo o criar, o suscitar (graças a uma intervenção fundada numa tal análise). Surge assim uma verdadeira arte do kairós, cujo apuro se desenha no Corpus hipocrático e em Tucídides – arte racional do prognóstico ou da previsão. O kairós aparece então como o ponto de junção dialética de duas durações: a longa maturação do passado e o surgimento da crise que exige rapidez, acuidade de um golpe de vista lançado para o futuro.¹⁴

Na sequência da citação desse excerto do estudo de Trédé, cuja clareza e propriedade dispensa comentários e complementos, põe-se propício enfatizarmos dois aspectos. Primeiro, o de que o sentido por excelência da noção de kairós emerge quando levamos em conta o ponto de junção em que a razão e o real se encontram, marcando o esforço da inteligência em dominá-lo a ele real. Segundo, a constatação de que já desde Homero (cerca do século IX a.C.) e Hesíodo (século VIII a.C.) a ideia de kairós aparece ligada à definição da ação eficaz. Trédé, aliás, chegará a afirmar que a chave mesma do conceito de kairós é a permanência da ligação entre o sentido de kairós e a preocupação com a concretização de ações humanas eficazes. Preocupação própria às diversas artes ou técnicas (a da política como a militar, a médica como a da retórica) que, ao desenvolverem-se, desenvolveram consigo toda uma atenção e teorização especiais relativamente ao kairós. Kairós que, enquanto substantivo comum, passa também a significar a “arte de calcular os meios para os adaptar exatamente aos fins visados”.¹⁵

Isto posto, retomemos a referida expressão de preocupação notada na face da história personificada, preocupação que – consoante a análise efetuada dos potenciais semânticos da interpelante escultura – definimos como concernente à questão de se sua ação imobilizadora do tempo seria eficaz ou não. Questão portanto de ordem kairológica, donde a nossa hipótese de a alegórica escultura do *Bibliothekssaal* do Monastério de Wiblingen constituir-se igualmente numa representação, em negativo, do deus Kairós, na medida mesma em que representa em positivo uma ação, em curso, de interrupção do tempo

¹⁴ TRÉDÉ, Monique, *op. cit.*, p. 19 (tradução do autor). Devo à Constança Marcondes César e aos seus escritos indicações bibliográficas preciosas a propósito da temática do kairós, seja no caso de Trédé, seja no de Evaghélos Moutsopoulos, o “filósofo da kairicidade”. Ver, entre outros, CÉSAR, Constança Marcondes. *Filosofia da cultura grega: contribuições para o estudo do pensamento neo-helênico contemporâneo*. Aparecida: Ideias e Letras, 2008.

¹⁵ TRÉDÉ, Monique, *op. cit.*, p. 21 (tradução do autor).

protagonizada pela História, isto é, pela historiografia ou, o que é dizer o mesmo, pela disciplina específica do conhecimento que perpetua as palavras e as ações dos homens pela recordação.

No complexo escultural do qual viemos nos ocupando, Kairós por-se-ia como a arte de se identificar e apreender o momento específico e certo, favorável à interrupção eficaz do tempo cronológico da dissipação e do esquecimento. Num mundo determinado pela mudança, pela instabilidade e pela imprevisibilidade inerentes ao incessante movimento, a mais apropriada das artes é justamente aquela que transforma em coisa sua o contingente e o equilíbrio tão provisório quanto precário deste nosso espaço-tempo histórico e humano. Há que se dominar o saber e a técnica de reconhecimento e apreensão daqueles momentos que se constituem como oportunos e decisivos, não obstante o seu caráter instantâneo e fugidio. Momento de estatificação do *de- vir*, para a história personificada em causa, no qual foi ela bem sucedida em seu intento, se levamos em conta, por um lado, a firmeza e precisão da ação desencadeada, cuja força chega a deformar o livro transportado por Chronos, e por outro, a expressão mesma do rosto de Chronos, manifestando surpresa por ter sido objeto de um arrebatamento súbito, no exato instante em que principiava o arrancar de mais uma folha do seu grande livro.



Figura 4. Chronos em suspensão ou a alegoria kairológica da História.

Quanto ao conceito benjaminiano do *Jetztzeit*, do qual aparentemente nas páginas precedentes não se tratou, observe-se que, a rigor, tácita ou mediatamente, em nenhum momento deixou de o ser, tamanha a relação de proximidade que guarda com a noção grega do kairós. Adiante, vê-la-emos, ainda que de modo sintético. Relação não de identificação, mas de correlação pro-

fundamente inspirada e consequente afinidade recíproca. Relação, pois, entre análogos ou semelhantes, pautada num jogo de correspondências conceptuais prolíficas – a que não é alheia, diga-se de passagem, a ideia temporal do “instante” em Marcel Proust¹⁶ –, como o complementar o Benedix Schönflies leitor das *correspondances* de Charles Baudelaire (1821-1867).

Para verbalizarmos de maneira sumária o cerne dessas correspondências, diríamos que o tempo-de-agora é a figura de uma concepção temporal de inspiração kairológica em relação de oposição dialética com a dimensão cronológica do tempo. À semelhança da imagem *supra*, a mão sestra da História em posição duplamente diametral às mãos destra e sestra de Chronos. Ato certo por meio do qual o passado, no vir a ser do presente, é capturado – outrossim no sentido etimológico-cognitivo do latim *conceptus*, como do alemão *Begriff* –, salvo (*gerettet*) e redimido (*erlöst*), instaurando uma imobilização (*Stillstand*) no transcurso habitual do acontecer.

Nominalmente, o termo “kairós” é quase um inaparente no conjunto dos sete volumes que compõem os *Gesammelte Schriften*, os escritos reunidos de Walter Benjamin. Aparece apenas em dois textos, e enquanto referência ao nome próprio da respectiva divindade: “Retrato de um poeta barroco” (*Porträt eines Barockpoeten*), de 1928, e “História da Literatura e Ciência da Literatura” (*Literaturgeschichte und Literaturwissenschaft*), de 1931.¹⁷

Por outro lado, se nos voltamos para os diferentes conteúdos e significados implicados na noção de kairós, podemos falar, junto com Ralf Konersmann, numa presença transversal dessa noção (aos níveis ontológico, epistemológico, estético e ético-político) no conjunto da obra de Benjamin. Numa coletânea de 2007, organizada sob o título *Kairos*¹⁸, Konersmann selecionou um elenco de textos que vão de 1916 a 1940 – do ensaio “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana” às teses “Sobre o conceito de história” –, englobando portanto escritos benjaminianos tanto de juventude quanto de maturidade, nos quais ele distingue o que chama de a “kairologia filosófica de Walter Benjamin”, acerca da qual, de resto, havia tratado num livro de 1991.¹⁹

Antes de Ralf Konersmann, já Theodor Wiesengrund Adorno, em carta a Max Horkheimer de junho de 1941, havia comparado a concepção de tempo da tese XIV de “Sobre o conceito de história” com a ideia de kairós de Paul Tillich²⁰ – o pensador socialista cristão que orientara Adorno na tese de habilitação, colaborara com o Instituto de Pesquisa Social e que havia liderado o Kairos-Kreis, o Círculo Kairós de intelectuais na Berlim dos anos 1920, por aí tendo influenciado Walter Benjamin, para citarmos a perspectiva de Kia Lin-

¹⁶ Acerca do “instante” proustiano, ver SEIXAS, Jacy Alves de. Os tempos da memória: (des)continuidade e projeção. Uma reflexão (in)atual para a história? *Projeto História*, n. 24, São Paulo, jun. 2002, e *idem*, Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

¹⁷ Ver BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften: Kritiken und Rezensionen* Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991, v. III, p. 84 e 287. Daqui em diante, as referências aos *Gesammelte Schriften* de Benjamin são sempre feitas pelas iniciais GS, seguidas da indicação dos números do volume, do tomo e da página.

¹⁸ Ver *idem*, *Kairos: Schriften zur Philosophie*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2007.

¹⁹ Ver KONERSMANN, Ralf. *Erstarrte Unruhe: Walter Benjamins Begriff der Geschichte*. Frankfurt am Main: Fischer, 1991.

²⁰ Ver Carta de Theodor W. Adorno a Max Horkheimer, de 12 de junho de 1941. In: BENJAMIN, Walter. *GS, op. cit.*, VII-2 [Nachträge], p. 773 e 774.

droos, uma intérprete finlandesa que também tem refletido sobre o campo semântico do kairós no pensamento desse autor.²¹ Dentre os estudiosos brasileiros ou radicados no Brasil, não posso deixar de mencionar os trabalhos seminiais – em geral somente alusivos à questão do kairós – de Jeanne Marie Gagnebin, Olgária Matos e Michael Löwy.²²

Em inaparência semelhante à da analisada escultura do Monastério de Wiblingen – imediatamente invisível, mediata e transversalmente inteligível –, assim kairós, substantivo comum, encontra-se variada e determinadamente inserto na obra de Benjamin, no conceito de tempo nela gestado, bem como na sua já tão vulgarizada (literal e pejorativamente falando) concepção de história, cujo cerne é a temporalidade ou, melhor dizendo, a temporalização kairo-lógica que atende pelo nome de tempo-de-agora.

Abordemos sinteticamente um dos momentos em que kairós e *Jetztzeit* privilegiadamente entrelaçam-se, ecoando-se e reforçando-se mutuamente. Trata-se de um fragmento constante dos paralisômenos das teses “Sobre o conceito de história”, e de cuja composição fazem parte trechos que também figuram nas próprias *Thesen*, noutras formulações desses mesmos paralisômenos e/ou entre as notas e materiais preparatórios do inacabado Trabalho das Passagens (*Passagenarbeit*). Fragmento intitulado “O agora da cognoscibilidade” (*Das Jetzt der Erkennbarkeit*) que, na tradução de João Barrento, versa assim:

*A afirmação de que o historiador é um profeta de olhos postos no passado pode ser entendida [...] do seguinte modo: o historiador volta costas ao seu próprio tempo, e o seu olhar de vidente inflama-se com os cumes dos acontecimentos de gerações humanas anteriores [...]. Este olhar de vidente tem do seu próprio tempo uma consciência mais nítida do que os contemporâneos que “acompanham” esse tempo. Não é por acaso que Turgot define o conceito de um presente que representa o objeto intencional de uma profecia como conceito essencial e radicalmente político. “Antes mesmo de nos podermos informar sobre um determinado estado de coisas”, diz Turgot, “já ele se transformou várias vezes. Assim, sabemos sempre tarde demais aquilo que aconteceu. Por isso se pode dizer da política que ela está destinada a prever o presente”. É precisamente este conceito de presente que está na base da atualidade da autêntica historiografia. Quem vasculha o passado como se ele fosse uma arrecadação [...] nem sequer faz ideia do muito que depende da sua presentificação num determinado momento.*²³

Observemos à partida que o conceito de presente “essencial e radicalmente político” à “base da atualidade da autêntica historiografia” é o próprio *Jetztzeit*. Por um lado, em seu aspecto cognoscitivo e cognitivo, como “agora

²¹ Ver LINDROOS, Kia. Benjamin’s moment. *Redescriptions: yearbook of political thought and conceptual history*. Berlin: LIT Verlag, v. 10, 2006. Agamben, é importante referi-lo, tem se ocupado igualmente do tema do kairós em Benjamin. Ver AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, *idem*, *El tiempo que resta: comentario a la carta a los Romanos*. Madri: Trotta, 2006.

²² Ver GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999, MATOS, Olgária Chain Féres. O céu da história: sobre alguns motivos judaico-benjaminianos. *Nova Renascença: Revista Trimestral de Cultura*, v. 18, n. 69-71, Porto, 1998, e LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo, 2005.

²³ BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Edição e tradução de João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008, p. 159. Cf. *idem*, *GS, op. cit.*, I-3, p. 1237 e 1238.

da cognoscibilidade”, *tópos* espaço-temporal no qual a história é objeto de uma construção (tese XIV). Por outro, em seu aspecto ético-político, como instante (*Augenblick*) que carrega consigo a sua “chance [*Chance*] revolucionária na luta a favor de um passado oprimido”, chance específica de “uma solução inteiramente nova em face de uma tarefa inteiramente nova” (teses XVII e XVIII, respectivamente).²⁴ Dito de outro modo, no tempo-de-agora encontram-se explosivamente conjugadas as esferas do conhecimento e da política, ou melhor, a intersecção desde a qual leva-se a efeito a elaboração de um conhecimento que é inseparável da ação política. Portanto, uma cognição que visa, no acontecer da vida na *pólis*, uma ação determinante e tempestiva, além de objetiva, bem sucedida e (kairicamente) eficaz.

Para tanto, considera Benjamin a partir de Anne Robert Jacques Turgot (1727-1781), faz-se necessário que o historiador-profeta preveja o presente. Pois é neste presente que as imagens do passado, imprescindíveis de se apoderar, perpassam velozes e furtivas, num relampejar. Imagens que estarão irrecuperavelmente perdidas se não forem percebidas e apreendidas pelo intérprete na ocasião tão decisiva quanto precisa, tão delas quanto dele (*Occasio!*). Irrestituível é a figura do ocorrido (*das Gewesene*) que, momento crítico (*Krisis*), periga desaparecer com cada agora (*das Jetzt*), “cada presente que não se reconhece como nela visado” (tese V).²⁵

Se dotado de *métis*²⁶ e detendo o domínio da arte de as identificar, a elas imagens do passado, e reter – ou, em termos benjaminianos, se dotado de presença de espírito (*Geistesgegenwart*)²⁷ –, tal intérprete terá os seus olhos de vidente inflamados ou incendiados pela captura (*Zugriff*)²⁸ dos eventos das gerações humanas anteriores que irrompem, súbito, no fluxo do vir a ser. Por aí, apreende um conhecimento do pretérito que é impreterível para uma mais apurada consciência crítica da época presente, nele se inflamando com o fito de incendiar a própria sociedade politicamente, uma vez que o que está em jogo é um ideal concreto de transformação, rumo a formas de organização sociopolítico-econômico-culturais radicalmente outras.

Logo, por intermédio do historiador-profeta, presente, passado e futuro temporalizam-se, condensando-se em diferencial, um *Zeitdifferential*.²⁹ Ou seja, constituem uma temporalidade especial, saturada de agoras (*akmé!*), que “não é transição”, mas na qual “o tempo estanca e ficou imóvel (*Stillstand*)” (tese XVI).³⁰ Eis a representação benjaminiana do *continuum* do tempo cronológico em suspensão. O diacrônico torna-se sincrônico, a ordinária sucessão, extraordinária simultaneidade. No presente que interroga o futuro, o ocorrido é rememorado. À maneira da História que estatifica Chronos, aí o historiador-

²⁴ *Idem*, Sobre o conceito de história. Tradução de Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller. In: LÖWY, Michael, *op. cit.*, p. 130 e 134. Cf. BENJAMIN, Walter. *GS, op. cit.*, I-2, p. 703 e GS I-3, p. 1231.

²⁵ *Idem*, *ibidem*, p. 62. Cf. *idem*, *GS, op. cit.*, I-2, p. 695.

²⁶ Cf. DÉTIENNE, Marcel e VERNANT, Jean-Pierre. *Métis: as astúcias da inteligência*. São Paulo: Odisseus, 2008.

²⁷ Ver BENJAMIN, Walter. *GS, op. cit.*, V-1 [*Das Passagen-Werk*], p. 598.

²⁸ Ver *idem*, *GS, op. cit.*, V-1 [*Das Passagen-Werk*], p. 592.

²⁹ Ver *idem*, *GS, op. cit.*, V-2 [*Das Passagen-Werk*], p. 1038.

³⁰ *Idem*, Sobre o conceito de história. In: LÖWY, Michael, *op. cit.*, p. 128. Cf. *idem*, *GS, op. cit.*, I-2, p. 702.

materialista-e-teólogo escreve história. E a escreve como quem a escova a contrapelo (tese VII).³¹

Frente a um tempo fantasmagórico que se propala como progresso, mas que com efeito é antes o tempo infernal decorrente do “trabalho de Sísifo da acumulação”³²; tempo eminentemente quantitativo que implica, como condição necessária, todo um mundo de exclusão e controle, dominação e apagamento, quando não de ostensiva destruição e catástrofe; frente a esse tempo que de nós exige, dialeticamente, interrupção (*Unterbrechung*)³³ e cesura, Benjamin propõe um tempo-de-agora de inspiração kairológica, tão repentino quanto fugaz, tão esclarecedor quanto politicamente explosivo, tão mais apreensível e temporalizável quanto mais visado for por um tipo de inteligência e de arte despertas que o historiador-profeta-e-filósofo (*kritikós*), tem que saber discernir (*kríno*).

Afinal, como afirma Monique Trédé, “o homem de experiência, inteiramente prudente e decidido, apreenderá o kairós [...]. Pois o Kairós é fugidivo, imprevisível, irreversível. [...] não se oferece à captura senão no instante mesmo em que se apresenta. O em seguida é demasiado tarde”.³⁴ Kairós!

Artigo recebido em 5 de outubro de 2020. Aprovado em 13 de outubro de 2020.

³¹ Ver *idem*, Sobre o conceito de história. In: LÖWY, Michael, *op. cit.*, p. 70. Cf. *idem*, *GS, op. cit.*, I-2, p. 697. Para uma abordagem mais desenvolvida e sistemática de aspectos centrais da teoria benjaminiana da história, ver PINHO, Amon. Da história como ciência e como forma de rememoração: construção salvadora e destruição redentora em Walter Benjamin. *Cadernos Walter Benjamin*, n. 1, Fortaleza, jul.-dez. 2008.

³² MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Livro primeiro: O processo de produção do capital, t. 1. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 112.

³³ Ver BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: LÖWY, Michael, *op. cit.*, p. 134. Cf. *idem*, *GS, op. cit.*, I-3, p. 1231.

³⁴ TRÉDÉ, Monique, *op. cit.*, p. 19 (tradução do autor).